



Histórias de vida e avaliações de impacto

Vanessa Orban

Rogério Silva

Avaliações de impacto são uma demanda cada vez mais comum no campo social, quando há intenção de compreender se as intervenções, como projetos, programas e políticas, estão gerando mudanças significativas. Para além de aferir a entrega de produtos (outputs) o intuito é verificar se houve mudanças efetivas e sustentáveis na vida da população ou grupo beneficiado (long term outcomes). Os modelos de avaliação de impacto tem sido associados a métodos experimentais ou quasi-experimentais¹, que utilizam dispositivos estatísticos para comparar os resultados alcançados em diferentes grupos. O uso de métodos experimentais e quasi-experimentais têm suas razões de ser e funcionam em certos contextos e objetos, indiscutivelmente. Contudo, eles nem sempre são viáveis, necessários ou suficientes, tornando-se inadequados em algumas circunstân-

cias. As realidades sociais nas quais os projetos e programas ocorrem, bem como as diferentes demandas de compreensão e decisão apresentadas pelos atores torna necessário variar métodos e equilibrar abordagens que sejam capazes de enriquecer compreensões e aprendizagens.

Em busca de construir avaliações mais abrangentes em diálogo com os atores, temos associado histórias de vida a estudos de natureza quantitativa. A associação de métodos pode gerar respostas mais precisas e consistentes e melhor iluminar o fenômeno estudado. Nos casos em que se deseja melhor conhecer o contexto social e as expectativas de um certo público-alvo, ou de compreender as marcas de uma intervenção na vida dos participantes, muitas vezes de grande sutileza, o uso de histórias de vida tem demonstrado grande potencial, enriquecendo olhares e favorecendo decisões estratégicas. Este artigo foi escrito com a intenção de demonstrar o potencial de histórias de vidas como técnica de grande valor em estudos de natureza mista.

Por que histórias de vida?

As histórias de vida são uma “narrativa contada a partir de um ponto de vista carregado de ideologias, culturas, objetivos circunscrita por uma época”². Toda narrativa implica necessariamente em uma seleção de memórias e um foco definido – a história das ideias, de uma nação ou de um determinado grupo. A História molda formas de pensar e de agir e organiza a maneira como traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos.

Todos contamos casos sobre fatos variados que nos marcam ao longo da vida. O processo do relato é uma seleção de fatos e memórias, assim como a pesqui-

Optar por histórias de vida entre outras técnicas permite conhecer como determinado projeto dialoga e influencia a vida de uma pessoa. Nesse tipo de investigação, interessa saber em que medida os resultados são construídos pelos sujeitos, articulando intervenção, experiências, desejos, potenciais e limites.

sa qualitativa e quantitativa também é reflexo de escolhas de dados, indicadores e informações que comporão um quadro analítico. Recontar eventos ou produzir dados permite repensar e reordenar padrões e valores por meio do registro e da difusão de experiências que podem ser diferentes das oficiais. Captar histórias exige rigor metodológico. Optar por histórias de vida, entre outras técnicas, permite conhecer como determinado projeto dialoga e influencia a vida de uma pessoa. Nesse tipo de investigação, interessa saber em que medida os resultados são construídos pelos sujeitos, articulando intervenção, experiências, desejos, potenciais e limites. Entrevistas centradas em reconstruir a trajetória de vida de um sujeito participante em um certo projeto pode trazer respostas importantes para os atores.



Como construir histórias representativas

As histórias com as quais se pretende trabalhar precisam ser representativas e escolhidas com certa intencionalidade. É preciso estar aberto a escutar pessoas por meio das quais seja possível demonstrar o impacto de um dado projeto, programa ou política em sua vida. A principal atividade para captar histórias é a entrevista individual em profundidade, que permite que um pesquisador aproxime-se, escute e compreenda trajetórias, eventos, relações, construções, etc.

Mas, entre tantos participantes de um programa, como eleger o sujeito mais adequado para construir uma história de vida? Ainda que qualquer sujeito

seja passível de entrevista pela simples defesa de que todos temos uma história, a escolha de informantes-chave nas avaliações tende a recair sobre os sujeitos que representam de modo mais panorâmico as dimensões que se deseja investigar. Dentro de um certo gênero, etnia, faixa etária, inserção comunitária, faixa de renda, participação em um projeto, entre outras variáveis, é importante buscar sujeitos que experimentaram a intervenção, de forma a mirar uma experiência de vida na qual um projeto ou programa tem potencial de resultados.

É possível criar situações que ajudem uma narrativa a emergir. Nas histórias construídas de forma coletiva, cada integrante do grupo traz relatos e todos partici-

pam da escuta. As rodas de conversa requerem que todos escutem o relato dos outros e escolham um marco importante para a comunidade, tendo como foco o momento comum do grupo e não as narrativas individuais. O ordenamento de uma linha do tempo ajuda a revelar e organizar a trajetória de vida de uma pessoa e descreve as principais referências de sua vida. Numa entrevista individual, ainda que a narrativa tenda a se apresentar de forma mais livre e permitir um salto temporais na vida do entrevistado, é crucial que o entrevistador esteja atento ao ordenamento cronológico dos eventos, para enxergar marcos, iluminar eventos, preencher lacunas e alcançar constatações.

Por isso apostamos que um bom roteiro é capaz de ajudar o entrevistador a conduzir a narrativa, iluminando e aprofundando as questões mais relevantes. De modo geral, algumas questões-chave costumam nortear uma entrevista. Tais perguntas, contudo, só conseguem realizar seu potencial investigativo à medida que inseridas em um fluxo cuidadoso de diálogo, respeitando a intimidade que uma entrevista em profundidade requer.

- Quais os principais marcos ou acontecimentos de sua vida?
- Por que os considera os mais importantes?
- Quais pessoas estão ligadas a estes acontecimentos e por quê?
- Quais escolhas você teve que fazer nestes momentos?
- Quais circunstâncias e crenças nortearam as escolhas?
- Houve momentos de rupturas? Quais? Por que? Em que direção?

- Como o “projeto” entrou na sua vida? Quando isto se deu?
- Que elementos a participação no “projeto” trouxe para você?
- Que importância o “projeto” teve ou adquiriu em sua vida? Por que?

Um roteiro de entrevista pode ter diferentes abordagens e as mesmas devem ser combinadas em situações específicas. A abordagem descritiva se configura pelo olhar para os detalhes de um dado momento ou território, de forma a caracterizar um certo contexto histórico ou experiência de vida: como era sua casa, sua rua ou seu bairro naquele momento? Como sua família estava composta? Como era sua escola ou seu trabalho? A abordagem de movimento ajuda a dar continuidade a uma história, iluminando movimentos, mudanças, encadeamentos de eventos, etc. Já a abordagem avaliativa busca provocar momentos de reflexão e avaliação, nas quais se ajuda o sujeito a perceber decisões, a formar juízos sobre os eventos, etc.: o que este evento lhe trouxe? De que maneira você se sentiu com tal descoberta? De que maneira você saiu daquela situação?

Ao lado do potencial das histórias de vida, é importante também compreender seus vieses e limitações. Uma história diz respeito à memória de um sujeito, o que implica em alguns desafios: como selecionar fatos tão pontuais de uma vida inteira? Qual a representatividade que determinados acontecimentos têm na trajetória de um indivíduo? O que uma pessoa consegue recordar? Essas são as questões que se apresentam para quem questiona a metodologia, uma vez que diferentes níveis de memória são acessados conforme experiências e momentos da vivência³.

Experiência

Recentemente realizamos uma avaliação que utilizou histórias de vida para fazer um diagnóstico da situação local e observar quais elementos poderiam colaborar na implantação do novo programa. O estudo apoiou os gestores a melhor compreender o universo social e cultural dos futuros participantes e os elementos essenciais para assegurar diálogo e participação. O respeito, a escuta, a cordialidade e a pessoalidade mostraram-se peças-chave para estabelecer diálogo entre o programa e o público. A avaliação de impacto que estava em curso não dispunha de ferramentas para apreender questões sutis sobre a intervenção, que mostrava-se potente do ponto de vista da geração de renda, mas enfrentava fortes problemas de adesão ao programa. Foram as narrativas que forneceram evidências a respeito dos valores dos grupos locais e que precisaram ser considerados para garantir a permanência dos participantes. Além de instrumento de acompanhamento, as histórias de vida possibilitaram que os próprios beneficiários acessassem a função avaliativa de forma profunda, estimulando o espaço de interlocução entre os atores.

Apostamos que as histórias de vida são capazes de garantir um olhar mais abrangente, sensível e me-

A avaliação de impacto que estava em curso não dispunha de ferramentas para apreender questões sutis sobre a intervenção, que mostrava-se potente do ponto de vista da geração de renda, mas enfrentava fortes problemas de adesão ao programa. Foram as narrativas que forneceram evidências a respeito dos valores locais e que precisaram ser considerados para garantir a permanência dos participantes.

nos recortado sobre o público-alvo de um projeto, programa ou política. Ao permitirem tais avanços, enriquecem as avaliações de impacto e produzem conhecimento para subsidiar decisões.

Notas bibliográficas

- ¹ Para saber mais sobre métodos experimentais e quase-experimentais consulte nota-técnica: <http://conteudo.movesocial.com.br/uploads/70b89ef15561a717.pdf>
- ² Fundação Banco do Brasil. *Tecnologia Social da Memória – Guia para comunidades, organizações sociais e instituições organizarem suas histórias*. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2005.
- ³ Plummer, K. “The call of life stories in ethnographic”. Atkinson et al. *Handbook of Ethnography*. Sage Publications, 2001, pp. 395-406.